



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O GIGANTE VERDENEGRO



Por LEONOR DE CAMPOS
Desenhos de A. GASTANÉ



—«Conte-me uma história, avózinha, sim?»—pe-
diu, com voz meiga, o Zêzinho.

—«Não sei já o que hei-de contar-te, meu filho.
Todos os dias uma!...»

—«Ora, avózinha. Isso para si não é nada. Sabe
tantas!...»

—«Bom! Então vamos a isso!... Não tenho ou-
tro remédio! Senta-te nesta cadeirinha e escuta:



«Era uma vez um gigante muito mau, muito mau.
Chamava-se Verdenegro. Era preto como o carvão.
Tinha os dentes verdes e os cabelos grossos como
cordas. Todos o temiam, porque, se se zangava com
alguém, essa pessoa podia dizer adeus à vida: Ver-
denegro aplicava-lhe tamanho sôco que a desfazia
em mil bocados.

«O gigante vivia na Montanha Azul, em lindo pa-
lácio, rodeado de altas muralhas e defendido por
uma multidão de soldados, que ele obrigava a servir
sob as suas ordens. Os soldados detestavam-no, mas
não se atreviam a fugir nem a revoltar-se, porque
receavam a sua vingança.

«Verdenegro saía pouco. Passava a vida no palá-
cio, a jogar os dados com a soldadesca. Mas aí
daquele que pensasse em ganhar. Só Verdenegro
tinha êsse direito e, como ninguém podia recusar-se
a jogar com ele, o gigante ia enriquecendo... enri-
quecendo...

«Uma vez por semana, ia Verdenegro à cidade
fazer as compras. Ladeado por numerosa escolta,
parecia um rei com seus vassallos. Apenas chegava
ao mercado, gritava com voz de trovão:

—«Aqui estou eu!... Venham galinhas, patos,
perús, ovos e fruta!...»

«Os vendedores, aterrados, corriam a atendê-lo.
E deixavam sempre ir os gêneros pela quantia que
ele estipulasse, porque senão Verdenegro enfure-
cia-se e, ao sôco e a pontapé quebrava, despedaçava,
destruía tudo o que existisse no mercado.

«Ora certo dia estava o gigante ia fazer as suas
compras, quando avistou uma cavalcada, que vagaro-
samente se aproximava do mercado. Verdenegro es-
perou, com ar arrogante. Mas de súbito abriu a
enorme bocarra e soltou um ah! de admiração!...
E o caso não era para menos:

«No meio de brilhante comitiva, composta de da-
mas e gentis-homens, sobressaía, como uma fada de

maravilha, a linda princesa Rosiclér. Montada num cavalo branco, ajaezado a oiro, vestida com bela túnica de prata, sedosos cabelos loiros emoldurando-lhe o rosto formoso, a prínciezinha extasiava quem a olhasse.

«Verdenegro perdeu a fala. Queria dizer à princesa quanto a admirava e só podia articular:

—«Ah!... Oh!... Eh!... Ah!...»

«Tanta vez disse isto, que Rosiclér não pôde conter-se e largou uma gargalhada cristalina, mostrando os dentinhos brancos, certos e unidos como um lindo colar de pérolas.

«Ao ouvirem aquela gargalhada, todos os que assistiam à cena desataram a rir como doidos.

«Então Verdenegro encheu-se de raiva e, recuperando a fala, berrou:

—«Todos vós que ristes: não ríreis por muito tempo. Dizei ao vosso rei que, se dentro dum mês eu não fôr o marido da princesa, matá-lo-hei e arrazarei toda a cidade...»

«E, dizendo isto, voltou as costas e, acompanhado pelos seus soldados, retomou o caminho da montanha Azul.

(Continua no próximo número)



OS NÊTINHOS DO TEMPO

■ POR LAURA CHAVES ■



O senhor Tempo é um velho de grande barba nevada, senhor de bem bom conselho e de palavra acertada.

Teve um filho: O senhor Ano que é o pai de doze indezes e o Tempo mostra-se ufano dos seus nêtinhos, os Meses.

A Era, a mãe, — que ruim! — diz sempre: — O Tempo, o avô, foi quem os criou assim, foi ele que os educou!

O mais velho é D. Janeiro, comprido, agreste, sombrio, que tem luar sem parceiro e treme rôxo de frio.

O CESTINHO DA COSTURA

Por ABELHA MESTRA

Minhas amiguinhas.

—«Vamos apanhar o trevo, o trevo no chão!...»

Assim começa a cantiga que se canta no S. João, não é verdade?

Pois a vossa Abelha Mestra começou muito mais cedo. Ainda estamos em Abril e já ela andou a apanhar uns trevos para vos trazer hoje!

E que engraçado ramalhete eles fazem!

Mas é preciso bordá-los.

Vamos escolher um algodão perlé verde dum tom bonito e faremos a nossa obra tôda em ponto de recorte.

E agora sempre quero ver se, para o S. João, teremos o *napperon* acabado!

Abraça-as a vossa

ABELHA MESTRA



Vem a seguir Fevereiro, Pequenino e engraçado. Também friosote, faceiro, gosta de andar mascarado.

Março é agreste e ladrão. Finge ter sol e faz mal, pois inda rouba ao irmão muita vez o Carnaval.

A primavera é chegada no cantado mês de Abril mas chega sempre molhada porque «em Abril, águas mil.»

Maio, sim! É mês das rosas nos jardins a florescer. Nas suas tardes radiosas dá vontade de viver.

Junho é alegre e é rico mas quente como o demónio! É o mês do bailarico, é o mês de Santo António.

O Julho, — que maçador! — Nada mesmo o recomenda! Bufo a gente de calor e ele nunca tem emenda.

Agosto, então, causa medo! Um calor insuportável! Uma praga de mosquedo Que mês tão indesejável!

Setembro é muito asseado pois gosta de se lavar, passa a vida mergulhado de «maillot» dentro do mar.

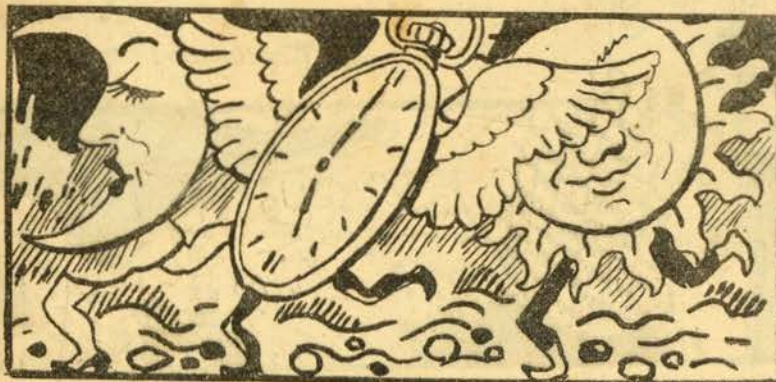
Outubro é poeta, é artista, não há outro mês assim. Pode-se espriar a vista que o horizonte é sem fim!

Novembro, o mês que se segue, o tal da castanha assada, diz ser quente e não consegue pois tem a penca encarnada.

Dezembro revolve o solo, é rudê, frio e trombudo mas traz o Menino ao colo e a gente desculpa tudo.

.....
Quando o senhor Tempo fez, na sua sabedoria, tão desigual cada mês, bem sabia o que fazia...

Por isso, há grande verdade, nesta frase conhecida: «Afimal a variedade é que é o matiz da vida».



F

I

M

CASOS QUE FAZEM PENSAR

Por ANÃO SABICHÃO

Desenhos de A. CASTANE

TENHO assistido, várias vezes, na rua, a cenas passadas com meninos, que, por me terem impressionado, retive na memória.

Vinha um menino rico, pela mão de sua mãe, passeando no jardim da Estrêla.

Era muito pálido, com um ar doente, o tal menino, e olhava, tristemente, os rapazinhos que, à roda dele, corriam e brincavam, cheios de vida e saúde.

A mãe, ao ver um banco à sombra, sentou-se, com o filho ao lado.

Este distraía-se, seguindo com a vista, os jogos das outras crianças.

Num banco perto, estava uma mulher do povo, passajando meias.

Nisto, um rapazinho, de aspecto pobre, com um bibe de riscado, uma cara muito corada, parou de correr e veio ter com ela.

— O' mãe, dê-me pão! — pediu o rapaz.

A mulher entregou ao filho um grande naco de pão escuro que ele desatou logo a trincar.

— Mãezinha, — disse o menino rico, numa voz amimada — Eu quero, também, um bocado de pão como aquele!



Esperançada em que o apetite voltasse ao doentinho, a senhora acudiu prontamente:

— Tens aqui, nesta mala, — (e entregava-lha) — o teu leite, as bolachinhas e os bolos, feitos de propósito para ti, como o senhor doutor receita.

— Mas eu só tenho vontade para aquele pão! — repetiu o menino, fazendo beicinho.

— Vou mas é trocar o meu lanche com o daquele rapaz!

— Não pode ser, meu filho. O pão que ele come, faz-te mal, a ti. O teu estômago está doente, não digere pão escuro! — tornava a mãe, tentando dissuadi-lo daquela teima.

A criança, choramingando, continuava, sempre pedindo: — Quero aquele pão! Quero aquele pão!

E a senhora teve de o afastar dali para o filho não ver mais o pão que o rapazinho pobre mastigava, observando de longe, um tanto desconfiado, aquele choro e os olhares cobiçosos que o menino rico lhe deitava!

Este incidente fez muita, muita pena, ao vosso amigo Anão, e julgo que todos vocês teriam, da

(Continua na página 7)



O EXPEDIENTE DE JEREMIAS



O explorador Jeremias,
em plena selva africana,
passava dias e dias,
levava toda a semana
a estudar mapas e guias.

Porém, em certa manhã
muito linda, por sinal,
a meio do seu afã,
surge-lhe um tigre real
que vinha com pés de lã...



Jeremias, desarmado,
convencido de que morre,
fica muito atrapalhado.
Nisto, uma idéia lhe ocorre,
vendo uma palmeira ao lado.

Puxa o tronco da palmeira,
com toda a força que tem;
curvando-o de tal maneira
que, ao largá-lo, em seu vai-vém,
dar-lhe-ia na mioleira.



Dito e feito... Quando a peste
da fera, soltando um ronco,
o salto prepara e investe,
Jeremias larga o tronco...
e o resultado foi este!

Leitor, da história sem arte,
seu conceito previdente
vou, agora, apresentar-te:
— Vale mais o expediente,
às vezes, que um bacamarte!

PRÍNCIPE ENCANTADO

Por JOSE TEIXEIRA JUNIOR

HAVIA na aldeia X uma cegui-nha muito linda e um pastinho guardador de ovelhas.

A cegui-nha tinha já nascido assim, motivo porque não sabia o que era a cor, a luz, o mundo, e não se cansava de pedir ao pastor que lhe explicasse como eram.

E o pastor condoído com o infortúnio da pobre cegui-nha, e também enlevado na sua beleza, satisfazia-lhe a vontade, contando tudo quanto os seus olhos prescutores viam.

— Diga-me, pedia a cegui-nha, como é o sol, que tanto aquece? E a lua, de que tanto gostam os poetas? O mar, as estrélas, o ouro, a prata, a fruta, o trigo, o pão, e as árvores, como é tudo isso? A música, como se toca? O vento, como é? O rouxinol que feito tem? A cigarra, como vive? As flores, de perfumes tão belos, como são? E as igrejas? O que são e como são as igrejas? Como são os santos?!

E o pastor, pacientemente, umas vezes, e entusiasmado, outras, explicava tudo, a tudo respondia.

— Sabes lá, dizia ele, como são belas tôdas essas coisas! Como são cheios de encanto, o Mundo e a Vida. E sabes lá como tu és linda, no meio de tôdas essas maravilhas da Natureza!

E assim passavam dias, meses, anos... Ela sempre a perguntar, e ele sempre a responder. E ambos enlevados na vida e o mundo, cada qual a seu modo.

Mas o que mais impressionava a cegui-nha era a música, sobretudo o som do violino, o toque dos sinos no badalar compassado e místico das Ave-Marias e o perfume dos cravos, que despertavam dentro de si estranhas emoções.



— Oh — (dizia ela, entusiasmada,) — quem me dera ver um violino, os sinos da nossa igreja, os cravos de tão vivo aroma!

E pedia ao pastor, ao seu amigo:

— Fale-me daquele violino, que há tempos ouvimos na aldeia. E fale-me dos sinos. Diga-me como são, como tocam, como podem ser tão belos na variedade e encantos dos seus sons e das suas toadas. E diga-me, também, como podem os cravos ser tão perfumados.

Quando a cegui-nha passeava nos jardins, sentia também emoções perturbadoras. Os perfumes das rosas, das violetas... inebriavam-na, encantavam-na, também. E, coisa curiosa, davam-lhe uma grande esperança de possuir um dia, a suprema felicidade de ver.

Conhecia tôdas as flores pelo seu aroma. Conhecia, também, algumas pelo tacto. Mas que desejo ansioso o seu, de as ver!...

Vivia, assim, a cegui-nha, enlevada e ansiosa no seu sonho e na sua ambição.

Tinha momentos de extase e momentos de tortura.

Ora, certa manhã em que a sua esperança era maior e a infelicidade lhe parecia mais dura, levantou-se e saiu sozinho para o campo, cujos caminhos ela conhecia sem os ver. Queria respirar o ar fresco da manhã, aspirar o perfume alacre dos cravos, dessas estranhas flores que a excitavam sobremaneira. Acalmava, assim, a pobresita, a sua dor. Mas aumentava, também, seu ansioso devaneio.

A voz dos sinos naquela manhã dizia-lhe:

— Há-de ser entre as flores, sobretudo entre os cravos, que há-de encontrar a felicidade.

E ela, crente nessa voz, sugestionada pela sua própria esperança, pegava ternamente nos cravos orvalhados, animava-os com afagos, com ternas carícias, como se de seres vivos se tratasse.

E uma vez...

Uma vez teve uma inspiração divina.

— E se eu lavasse os olhos com esse orvalho dos cravos? Se assim lhes transmitisse o perfume destas flores maravilhosas, que são os meus encantos?

Não pensou muito a cegui-nha.

Molhou os dedos no rório das queridas flores e layou com eles seus olhos tristes e apagados.

Milagre! Desde esse instante, a formosa menina deixou de ser cegui-nha. Seus olhos viram tudo quanto ela ambicionava, enquanto os sinos da aldeia repicavam, festivamente, no alto da torre da igreja, da qual tanto o pastor lhe havia falado e tecido maravilhosas histórias.

O milagre teve uma explicação. E bem simples: O cravo de onde a linda cegui-nha tirara o orvalho para lavar os olhos, era... um príncipe encantado, cujo encanto se perdeu.

E a própria cegui-nha era uma princesa, também encantada, cujo encanto se perdeu igualmente.

O desfecho deste pequeno conto foi, como não podia deixar de ser, o casamento dos dois jovens príncipes, que tanto ainda hoje se amam e cultivam cravos, e sonham embalados pelos sons, ora vibrantes ora dolentes, dos sinos da aldeia.

CONCURSO

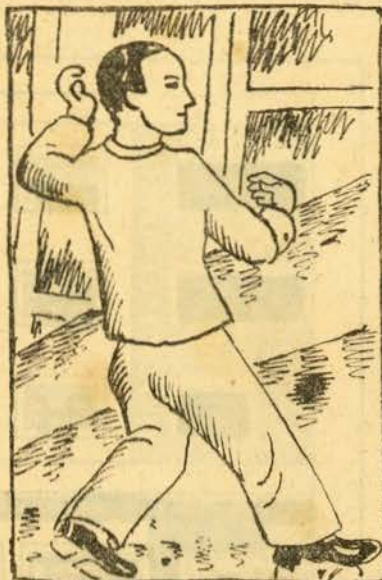
UMA VILA COMPLETA

Avisamos os nossos pequeninos leitores de que a construção para armar, que hoje publicamos, é a quarta duma série que constitui o nosso novo concurso intitulado: — *Uma Vila completa*, conforme as condições á expressas nos números anteriores; Não deixem, portanto, de coleccionar estas construções, a-fim de poderem habilitar-se ao referido concurso

CHARADAS COMBINADAS

+ to — Ave	+ ma — Leito	+ mo — Patrão
+ mo — Alto	+ te — Poeta	+ to — Queixo
+ te — Pessoa	+ ma — Lodo	+ te — Legado
+ mo — Alto	+ ta — Apelido	+ ra — Local da desfolhada
+ mo — Patrão	+ mo — Patrão	+ to — Animal roedor

Conceito: — Resignação Conceito: — Esquadrão Conceito: — Arvore de fruto



Meus Meninos: — Este rapaz está com vontade de dançar com uma certa menina. Vejam se a descobrem.

CASOS QUE FAZEM PENSAR (Continuado da página 4)

mesma forma, grande dó, daquele menino que, por ser doente, de nada lhe valia ser rico.

Quanto mais feliz não era o rapazinho do bibe de riscado, o que comia o pão escuro, que respirava saúde, e a quem tudo sabia bem e que de tudo podia comer!

A' saída do jardim, ainda avistei o pequeno doente, já mais resignado, entretido a dar o bom lanche, que não lhe apetecia, aos lindos cisnes do lago, enquanto a mãe o olhava, com um olhar muito triste!

Quem sabe se, pensava consigo, de boa vontade, daria tôda a sua fortuna, para que o filho pudesse comer, como o pobrezinho, o naco de pão ordinário, que tanto lhe apetecera!

Outro caso, dum género bem diferente.

Vinha eu passando á porta dum colégio, ao mesmo tempo em que passava, também, um aleijado, com uma perna de pau, de quem eu sabia a triste história.

Os meus meninos calculem a minha indignação quando ouvi as vozes dos rapazes que estavam ali reunidos, gritarem numa assuada:

— «Oh, perneta! Oh, coxelas!» e corriam atrás dele, a imitá-lo.

O pobre homem não se zangou, antes sorriu, com um ar resignado.

Mas eu é que não o deixei prosseguir o seu caminho sem fazer ver, aos rapazes que tão maus sentimentos mostravam, a sua falta para com o aleijado.

Dirigi-me a êle: — «O senhor vai contar aqui a êstes meninos a sua história, sou eu quem lhe pede!»

— E vocês, — (disse para os rapazes) — vão passar o seu recreio, a ouvi-la.»

Eles olharam-me, intimidados com a minha maneira autoritária.

Fiz sentar o inválido num banco e os rapazes rodearam-no, já curiosos por escutar a história prometida.

— «Olhem, meus meninos, — (começou êle) — a minha perna foi um bicho mau que a levou!»

A estas palavras a curiosidade subiu de ponto.

— «Como foi?! Conte! Conte!» — pediram todos.

— «Eu era um rapaz robusto, como qualquer de vocês. Vivía descansado, trabalhando nas minhas terras quando correu a noticia de que uma fera andava à solta, diziam, matando gente, sem conto! Muitos, da minha idade, — nêsse tempo eu era moço, — partiram, também, para combater a fera e eu parti com êles. No sítio em que a fera urrava, quanto mal ela já havia feito! Quantos campos devastados, quanta casa reduzida a cinzas, quantos mortos, e crianças órfãs, e mulheres viúvas ou sem filhos! Muitos dos meus companheiros lá ficaram, devorados pelo dragão terrível! Eu, mais feliz, apenas perdi uma perna!»

— «Mas que bicho terrível era êsse?» — perguntou um dos pequenos.

— «A guerra, meu rapaz! — (disse o inválido).

— Foi na guerra, que deixei a minha perna, fazendo o meu dever, defendendo a minha Pátria e quando voltei, com o peito coberto de medalhas, ainda tive a fortuna de achar viva a minha mãe, que me abençoou. Hoje estou velho, doente e os meninos riem-se de mim...».

— «Não rirem mais!» — disse um dos rapazi-nhos, com os olhos rasos de água.

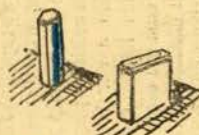
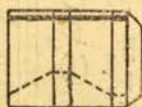
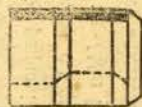
— «Não rirem mais! Nunca mais! — fizeram os outros em côro.

E todos procuravam abraçar e mutilado da guerra que sorria, muito comovido.

Pôs termo ás efusões, a sinêta chamando para a aula os alunos. Mas, agora, vejo, muitas vezes, o pobre inválido sentado no mesmo banco, rodeado dos rapazes da escola, — tornados seus verdadeiros amigos, — que escutam, com a maior atenção e ternura, as suas narrativas, cheias de interesse.

4.^a FOLHA

CHAMINÉS



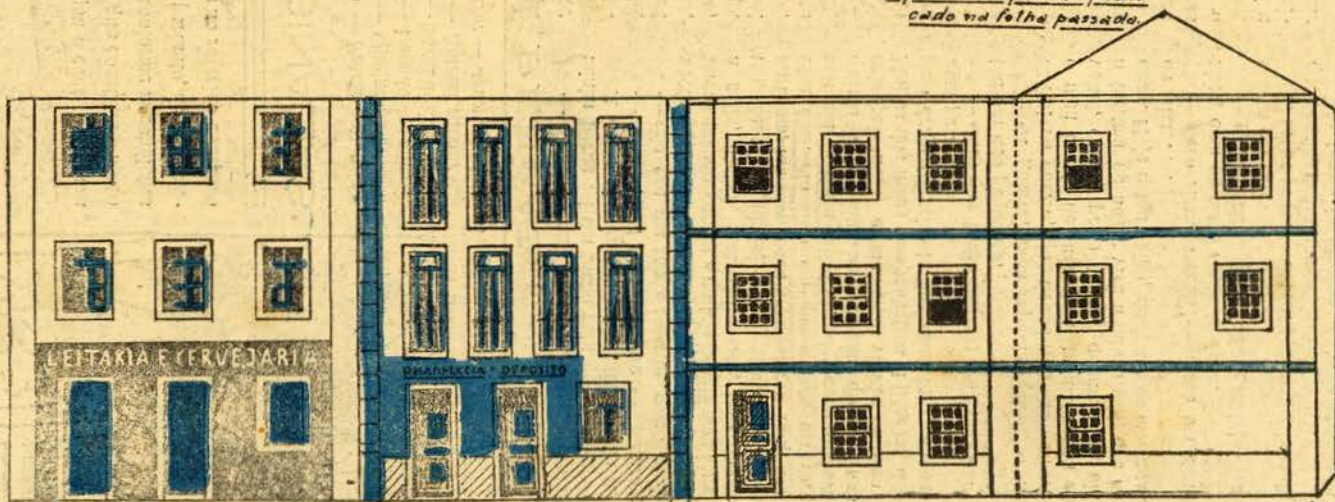
ESQUEMAS

Para colocar no telhado (publicado no número
passado) nos sítios indicados.

HABITAÇÕES e esta- belecimentos

Continuação
da 3.^a folha

O que faltar aqui foi publi-
cado na folha passada.



A. L. B. R. O. S.